

Efeitos emocionais na construção do *ethos* político: análise de pronunciamento do deputado Nikolas Ferreira sobre crime de transfobia

Gabriela de Oliveira Zimmermann*

<https://orcid.org/0009-0006-1799-6504>

Ernani César de Freitas**

<https://orcid.org/0000-0002-8920-9446>

Resumo: Este estudo analisa o *ethos* construído pelo deputado Nikolas Ferreira e os efeitos emocionais (*pathos*) que dele decorrem em um pronunciamento no Instagram sobre processo penal em que foi condenado pelo crime de transfobia. A metodologia utilizada tem abordagem qualitativa à luz da Teoria Semiollingüística de Patrick Charaudeau e suas categorizações sobre *ethos* político. Os resultados indicam a construção de *ethos* de credibilidade e identificação, a partir das figuras de virtude, caráter, potência e seriedade. Ao incorporar estas imagens, o enunciador ancora seu discurso na religiosidade e produz efeitos emocionais que tornam seu ato de linguagem uma "aposta bem sucedida".

Palavras-Chave: Discurso político. *Ethos*. *Pathos*. Semiollingüística.

Emotional effects on the construction of political ethos: analysis of the statement by Congressman Nikolas Ferreira on the crime of transphobia

Abstract: This study analyzes the *ethos* constructed by Congressman Nikolas Ferreira and the emotional effects (*pathos*) arising from a statement on Instagram regarding a criminal case in which he was convicted of transphobia. The methodology employs a qualitative approach based on Patrick Charaudeau's Semiotic-Linguistic Theory and his categorizations of political *ethos*. The results indicate the construction of *ethos* of credibility and identification through the figures of virtue, character, potency, and seriousness. By incorporating these representations, the speaker anchors his discourse in religiosity and produces emotional effects that render his speech act a "successful gamble".

Keywords: Political speech. *Ethos*. *Pathos*. Semiollingüistics.

* Universidade de Passo Fundo. Mestra em Letras pela UPF. Professora de Língua Portuguesa pela Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul. E-mail: gabrielazimmermann@gmail.com.

** Universidade Federal do Rio Grande. Professor Visitante no Programa de Pós-Graduação em Letras da FURG. Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: ernanicesardef@gmail.com.



Efectos emocionales en la construcción del *ethos* político: análisis de la intervención del diputado Nikolas Ferreira sobre el delito de transfobia

Resúmen: Este estudio analiza el *ethos* construido por el diputado Nikolas Ferreira y los efectos emocionales (*pathos*) que se derivan de una intervención en Instagram sobre un proceso penal en el que fue condenado por el delito de transfobia. La metodología emplea un enfoque cualitativo a la luz de la Teoría Semiolingüística de Patrick Charaudeau y sus categorizaciones sobre el *ethos* político. Los resultados indican la construcción de *ethos* de credibilidad e identificación a partir de las figuras de virtud, carácter, potencia y seriedad. Al incorporar estas representaciones, el enunciador ancla su discurso en la religiosidad y produce efectos emocionales que convierten su acto de lenguaje en una “apuesta exitosa”.

Palabras-clave: Discurso político. *Ethos*. *Pathos*. Semiolingüística.

Considerações iniciais

O teatro político brasileiro angariou um auditório atento e engajado com a ascensão das redes sociais, uma vez que, para além de um espaço de liberdade de expressão, as plataformas digitais constituem-se como palco de encenações em que as construções de imagens de si desencadeiam efeitos emocionais nos interlocutores, pondo em jogo valores e crenças partilhadas socialmente. A partir desse jogo de máscaras em que se ancora o discurso político, este estudo delimita-se à análise discursiva da construção do *ethos* político e os efeitos emocionais construídos pelo deputado Nikolas Ferreira em pronunciamento realizado na câmara de deputados acerca de sua condenação por crime de transfobia, o qual foi considerado culpado por dirigir-se de maneira transfóbica e preconceituosa à deputada Duda Seibert.

A investigação justifica-se diante da polarização política desencadeada pelo discurso proferido que, de natureza transfóbica e ancorado em religiosidade, propicia debates que dividem opiniões e aumenta a tensão entre grupos sociais que ora se reconhecem como parceiros da troca linguageira, ora sucumbem à interpretação desejada pelo locutor. Diante do impasse, este estudo orienta-se a partir dos seguintes questionamentos: quais são as imagens de si evocadas no discurso do deputado, enquanto sujeito comunicante, a partir dos procedimentos expressivos e enunciativos

mobilizados na encenação de seu dizer? De que maneira ocorre a relação entre a construção do *ethos* e a possível visada de *pathos* e seus efeitos emocionais referente ao discurso político? O objetivo deste trabalho consiste em analisar os procedimentos expressivos e enunciativos mobilizados pelo sujeito comunicante relacionando à construção do *ethos* à visada de *pathos* que conduz o discurso político.

Utiliza-se, para fundamentar a análise, a Teoria Semiociológica elaborada por Patrick Charaudeau (2019, 2020, 2025) que considera a linguagem como prática social não transparente, em que sujeitos psico-socio-lingueiros encenam seu dizer coagidos por um contrato de comunicação partilhado e conduzido por uma dada situação de comunicação. Realiza-se a tematização do discurso político também sob a ótica semiociológica, incidindo nas concepções de *ethos* categorizadas por Charaudeau (2007, 2018, 2022), além da relação entre o *ethos* e a visada de *pathos* como fundamento do discurso político a partir da construção de imaginários sociodiscursivos.

Metodologicamente, a pesquisa é aplicada quanto à natureza, adotando procedimentos bibliográficos e documentais à luz de uma abordagem qualitativa, atrelando a análise a construtos teóricos semiociológicos e do discurso político, tensionados, principalmente, por Patrick Charaudeau (2007, 2018, 2019, 2020, 2022, 2025). A materialidade a ser analisada constitui-se de um vídeo publicado e disponibilizado pelo próprio político Nikolas Ferreira na sua rede social *Instagram*, cujo conteúdo apresenta um discurso de manifestação contrária à decisão judicial, e três comentários decorrentes de sua postagem na rede social.

As seções que compõem este estudo estão assim estruturadas: inicia-se com a introdução; em seguida a segunda seção, em que são apresentados os conceitos centrais da Teoria Semiociológica em interface com o Discurso político pela perspectiva de Charaudeau (2018, 2019, 2020, 2022, 2025). A terceira seção aborda o *ethos* como estratégia do discurso político, recorrendo às categorizações organizadas por Charaudeau (2007, 2018, 2020) quanto às imagens de credibilidade e identificação, aliadas à compreensão dos efeitos emocionais que despertam. A quarta seção realiza a exposição dos procedimentos expressivos e enunciativos realizados no discurso político para a fabricação do *ethos*, tendo, da mesma maneira, o referencial teórico

fundamentado por Charaudeau (2018). Na quinta seção, especifica-se o percurso metodológico a ser seguido no processo analítico do estudo, seguido da aplicação teórica na análise do corpus e, por fim, considerações finais.

O discurso político sob a ótica da semiolinguística

Todo o ato de linguagem, portanto discursivo, é considerado como uma aventura do ponto de vista de sua produção, mas, para além de um ato aventuroso, também é uma expedição. A Teoria Semiolinguística (Charaudeau, 2019, 2025), nesse sentido, adota uma abordagem multifacetada, integrando categorias provenientes de diversos campos do conhecimento, o que a confere um caráter interdisciplinar à medida que essas categorias se adaptam e se deslocam em direção a um modelo estritamente linguístico. O contrato de comunicação, conceito basilar da teoria, “é o que estrutura uma situação de troca verbal em condições de realização e de interpretação dos atos de linguagem” (Charaudeau, 2025, p. 166), uma vez que é através dele que consiste a existência de qualquer prática de linguagem mediante o reconhecimento recíproco dos parceiros da comunicação, e que, conforme Freitas (2009), lhes concede o direito à palavra e um projeto de fala ao qual é possível atribuir uma pertinência intencional. O contrato, assim, configura-se como “um conjunto das condições nas quais se realiza qualquer ato de comunicação” (Charaudeau; Maingueneau, 2020, p. 132) em que determina, para além do reconhecimento mútuo entre os interlocutores, o reconhecimento também da finalidade do ato languageiro e as circunstâncias de discurso que partilham os interlocutores.

No dispositivo do ato de linguagem proposto por Charaudeau (2019), considera-se o desdobramento de quatro sujeitos na situação de comunicação: de um lado há um circuito externo, o EUc (eu comunicante) e o TUi (tu interpretante) são elencados como seres socialmente situados no mundo empírico e materializados em pessoas físicas e sociais; por outro lado, no circuito interno à fala configurada desdobram-se o EUe

(sujeito enunciador) e o TUd (sujeito destinatário), sujeitos que existem no interior do ato de linguagem. Consoante a Blank (2023), no processo de produção do discurso, o EUc cria uma imagem de um destinatário ideal (TUd) ao proferir sua mensagem, enquanto no processo de interpretação o receptor (TUi) elabora uma imagem do locutor (EUe). Temos, pois, que o sujeito comunicante (EUc) e o sujeito interpretante (TUi) se localizam no espaço externo do dispositivo de comunicação, configurando-se como sujeitos sociais em uma dada situação de comunicação (Charaudeau, 2019), enquanto o sujeito enunciador (EUe) e o sujeito destinatário (TUd) se circunscrevem no espaço interno da comunicação, instituindo-se como sujeitos participantes do ato de linguagem.

Elenca-se, assim, a metáfora da expedição do ato de linguagem elaborada pelo semiolinguista Charaudeau (2019, p. 57): “o ‘sujeito falante’ espera que os contratos que está propondo ao outro, ao sujeito-interpretante, serão por ele bem percebidos” que, para tanto, deve se utilizar de contratos e estratégias para que seu interlocutor adira à interpretação desejada, o que torna o ato de linguagem uma “aventura” do ponto de vista de sua produção.

Dessa forma, ao analisar o discurso político, sabe-se que esse é sempre motivado pela necessidade do homem de estabelecer uma relação de troca com o outro, visando influenciá-lo, persuadi-lo e seduzi-lo (Charaudeau, 2018); no entanto, essa relação não teria sentido sem a visão de mundo, o conhecimento que se tem da realidade e o julgamento que se faz dela que o homem, em um processo de semiotização do mundo, carrega ao enunciar seu discurso.

Assim, no exercício da linguagem, mediante as atividades significantes do homem de nominação dos seres do mundo, de qualificação de suas propriedades e de descrição de suas ações no tempo e espaço, elaboram-se saberes ancorados às representações sociais diante de “um modo de conhecimento do mundo socialmente partilhado, gerando, por meio da produção de discursos, imaginários que são portadores de saberes [...] ancorados na cultura e no inconsciente coletivo” (Charaudeau, 2022, p. 25).

Dessa maneira, o imaginário sociodiscursivo é resultado da interação do homem com o mundo e do homem com o homem, não sendo todos conscientes, pois circulam nos julgamentos implícitos veiculados pelos enunciados, pelas maneiras de dizer e rituais linguageiros, assimilados pelos indivíduos de um grupo social e funcionamento de maneira natural, como uma evidência partilhada por todos (Charaudeau, 2022). Esses imaginários ainda podem estar

submersos no que se chama inconsciente coletivo, pois todas essas implicações complexas são tecidas ao longo da história, constituindo uma memória coletiva de longo termo que na prática é identificável apenas por uma abordagem histórica (Charaudeau, 2018, p. 205).

Em conformidade com Charaudeau (2018), compreendemos que os imaginários estão imbricados pelos discursos que conduzem as práticas sociais, organizados como formas de pensamento criadores de valores partilhados que fundam a identidade de uma coletividade, o que é possível de perceber na manifestação do discurso político.

Logo, as estratégias discursivas empregadas pelo político dependem de sua identidade social, da maneira como percebe a opinião pública e do caminho que ele faz para chegar até ela e da posição dos outros atores políticos (Charaudeau, 2018). Essas estratégias concentram-se no que o político julga pertinente defender ou atacar, podendo inspirar seu discurso na solidariedade, eficácia ou experiência na defesa de sua legitimidade, fazendo, portanto, que o maior número de pessoas adira às suas ideias, política e pessoa, e que seu ato de linguagem seja uma aventura bem sucedida. A instância política, por conseguinte, “cria sistemas de valores e um enfoque pragmático, que se apoia na experiência da relação com o outro para influenciá-lo” (Charaudeau, 2018, p. 84).

Desse modo, como portador de valores, o político é a voz de todos na sua voz (Charaudeau, 2018), além de um enunciador de um ideal social, sendo necessário que o EUC do político saiba, por meio das estratégias que escolher, inspirar confiança para que o auditório enxergue nele a imagem ideal do chefe que perpetua no imaginário coletivo das emoções. O discurso político “representa o uso de muitas máscaras que estão em jogo no momento da enunciação [...] ~~é preciso persuadir pelas palavras~~, é necessário

construir a melhor e mais bem elaborada imagem de si perante seu público” (Scariot, 2023, p. 151) em uma dramaturgia que realiza a encenação, pois “[...] seguindo o cenário clássico dos contos populares e das narrativas de aventura: uma situação inicial que descreve o mal, a determinação de sua causa, a reparação desse mal pela intervenção do herói (Charaudeau, 2018, p. 91).

A persuasão no discurso político relaciona-se com a paixão na medida em que o político realiza procedimentos de discursivização com o intuito de despertar interesse no auditório em defender as ideias encenadas. Para prosseguir com essa estratégia, o EUC dirige-se às massas colocando em evidência os valores que podem ser partilhados e compreendidos pela maioria por meio da simplificação, o que requer a construção de imagens que funcionam como suporte de identificação via valores comuns desejados (Charaudeau, 2018).

Entre as estratégias do discurso político consideradas pelo autor, destaca-se, aqui, uma delimitação ao *ethos*, cuja construção deve mergulhar nos imaginários populares, na intenção de atingir o maior número possível de destinatários. Na seção a seguir, elucidamos os tipos de *ethé*¹ categorizados por Charaudeau (2018).

Considerações sobre o *ethos* como estratégia do discurso político

Perante a Teoria Semiociológica, o *ethos* inscreve-se no ato de enunciação, no próprio dizer do sujeito que fala. Charaudeau (2018, p. 115) relaciona o *ethos* com o cruzamento de olhares: “o olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê”, resultando, assim, de uma dupla identidade que se funde em uma única: a primeira face relaciona-se com sua identidade social de locutor (EUC) no direito à palavra e o papel oriundo da situação de comunicação; em sua segunda componente, o sujeito elabora para si uma imagem daquele que enuncia (EUE) e uma identidade discursiva que depende das estratégias que

¹ Charaudeau (2018) utiliza tanto a denominação *ethos*, como *ethé* para se referir ao conceito.

opta por seguir.

Em diálogo com a proposição de Maingueneau (2020, p. 84), de que “o *ethos* é, fundamentalmente, uma questão de corpo, de autenticação da fala por um corpo saturado de avaliações sociais”, verifica-se que não existe ato de linguagem que não perpassa pela construção de um *ethos*. No domínio político, a construção de imagens de si volta-se ao público, funcionando como suporte de identificação via valores comuns desejados, dado que são moldadas através dos imaginários sociodiscursivos e construídas através de comportamentos e traços pessoais de caráter, além de que

Prevê um jogo entre o si, o outro e mais um terceiro ausente, que corresponde a uma imagem ideal, um valor de referência, construída por meio de imaginários sociais que ditam o que é positivo e negativo. Nessa perspectiva, o si procura transmitir ao auditório essa imagem ideal, enquanto o outro se deixa ser influenciado a aderir ao indivíduo que transmite tal imagem. Seguindo essa linha de pensamento, é possível constatar que, no discurso político, as figuras identitárias do sujeito são, a o mesmo tempo, voltadas para si, para o outro e para uma imagem ideal, tomada como referência (Nobre; Verçosa Neta; 2023, p. 126).

Ao afirmar que o *ethos* político resulta de “uma alquimia complexa feita de traços pessoais de caráter, de corporalidade, de comportamentos, de declarações verbais, tudo relacionado às expectativas vagas dos cidadãos” (Charaudeau, 2018, p. 137), o autor elabora categorizações no que concerne a estratégias discursivas atreladas ao *ethos* de credibilidade e ao *ethos* de identificação. Na construção do *ethos* de credibilidade, Charaudeau (2018) destaca que este é, ao mesmo tempo, um construto e um atributo: “é um construto em virtude da maneira pela qual o sujeito encena sua identidade discursiva [...] um atributo em virtude da identidade social que o sujeito possui [...]”. Em suma, a credibilidade debruça-se sobre uma condição de sinceridade, em que se deve dizer a verdade e se condicionar a uma performance de eficácia, de alguém que cumpre o que promete e atinge, portanto, resultados positivos (Charaudeau, 2018). Para tanto, o teórico defende que há a evocação de três imagens nesta categoria da credibilidade:

a) *Ethos de sério*: esta imagem depende do índice corporal (a capacidade de portar-se rígido com expressão pouco sorridente); o índice comportamental de autocontrole frente à adversidade, bem como energia e capacidade de trabalho junto à compaixão

àqueles que sofrem. Na vida privada, o *ethos* de sério deve seguir uma postura de fidelidade conjugal e familiar; na fala, um tom firme e construção de palavras simples e apropriadas.

b) *Ethos de virtude*: tal *ethos* configura-se como “uma resposta a expectativas fantasiosas da instância cidadã” (Charaudeau, 2018, p. 124), na medida em que representa honradez. O político demonstra fidelidade, sinceridade e honestidade pessoal, construídas a partir do tempo na medida em que segue a mesma linha. A lealdade e a honestidade pessoal remetem à imagem de cumprimento de compromissos.

c) *Ethos de competência*: constrói-se a partir do saber que o político demonstra ter acerca das engrenagens da vida política; o domínio e a habilidade da prática junto com a experiência configuram tal imagem como também formadora do *ethos* de credibilidade (Charaudeau, 2018).

Já o *ethos de identificação* produz imagens extraídas do afeto social, em que o cidadão funda sua identidade na do político mediante um processo de identificação (Charaudeau, 2018), conforme seguintes imagens postuladas:

a) *Ethos de potência*: é visto como “uma energia física que emerge das profundezas terrestres, anima e impulsiona os corpos na ação [...] mostra-se que é ativo, presente em todas as frentes, mas de maneira coordenada, quase militar ou esportiva [...]” (Charaudeau, 2018, p.138-139). Essa imagem, assim, é predominante masculina na medida em que retoma uma figura de virilidade sexual, não explicitamente declarada, mas realizada com encenações discursivas que exemplificam força e violência verbal.

b) *O ethos de caráter*: refere-se à força interior, à crítica que surge de uma indignação pessoal ou de um juízo, e que precisa ser expressa de maneira veemente, porém moderada. É uma imagem evocada geralmente como resultado de uma reação a algo ou alguém, onde a provocação e a polêmica o constituem, assim como a coragem e o orgulho. Além da firmeza da figura, a moderação deste tipo de discurso revela-se como uma atitude de conveniência tática na resolução de conflitos.

c) *Ethos de inteligência*: esta imagem desenvolve-se mediante duas figuras complementares e antagônicas: a primeira está relacionada à bagagem cultural do político, sua origem social e sua formação acadêmica, evidenciadas pelo seu

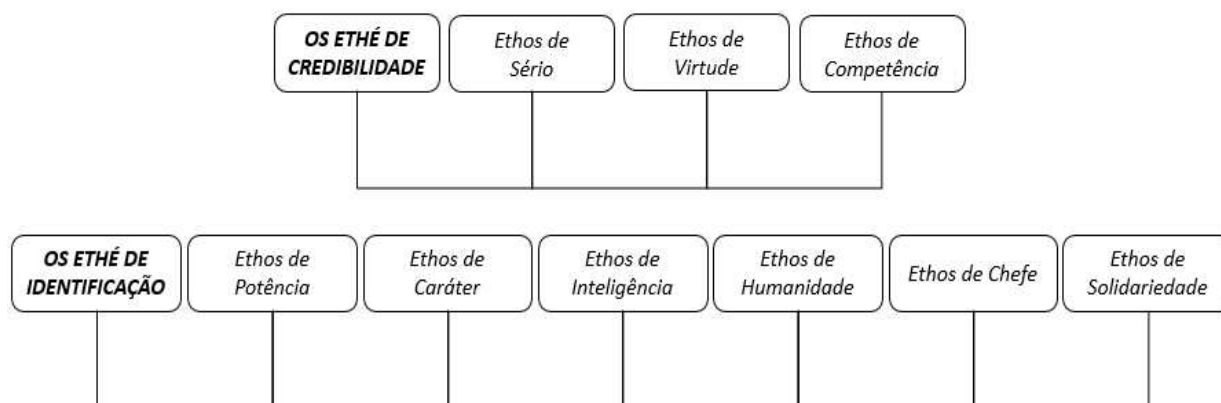
comportamento. Nesse contexto, títulos acadêmicos, obras escritas e participação em atividades culturais são indicadores que definem a imagem de inteligência. A segunda figura envolve a astúcia e a malícia empregadas no cenário político. Para demonstrar inteligência, o político precisa "saber jogar com o ser e o parecer" (Charaudeau, 2018, p. 146), gerando intenções e estabelecendo metas que resultem no sucesso do ato linguageiro.

d) *Ethos de humanidade*: evidencia-se à medida que o político demonstra empatia a pessoas que sofrem ou situações dramáticas (como catástrofes naturais e acidentes), e manifesta-se principalmente quando há a ocorrência de palavras de conforto e compaixão; sendo movido pela emoção, vê-se que esta imagem configura um imaginário importante ao discurso político (Charaudeau, 2018), na medida em que é através dela que o enunciador demonstra seus gostos, preferências e identifica seu interlocutor ao seu discurso.

e) *Ethos de chefe*: esse *ethos* manifesta-se através das figuras de guia, de soberano e de comandante, e evidenciam a relação de dependência entre instância política e instância cidadã. O político orienta seu discurso na defesa de valores como democracia, soberania popular e identidade nacional, mesmo que de maneira autoritária. Essa postura também é utilizada para evidenciar que o orador domina a arena política e não se deixa envolver por disputas mesquinhas. Por fim, a figura de comandante é uma estratégia pela qual o político procura demonstrar uma imagem de autoridade, de "chefe de guerra", assim como de um líder populista, que age com o intuito de derrotar as "forças do mal" e salvar o povo (Charaudeau, 2018).

f) *Ethos de solidariedade*: caracteriza-se pela "relação de reciprocidade entre atos e declarações" (Charaudeau, 2018, p. 163), na medida em que o político se une aos outros no momento em que se encontram ameaçados, partilhando, portanto, das mesmas ideias e pontos de vistas de seu grupo. Nessa imagem, o político mostra-se consciente de suas responsabilidades, supondo-se a ouvir seus administrados.

Na Figura 1, sistematizam-se as categorizações dos *ethé de credibilidade* e *ethé de identificação* postuladas por Charaudeau (2018).

Figura 1: Categorizações de *ethos* por Charaudeau

Fonte: elaborada pelos autores (2025)

Vê-se, portanto, que no discurso político o EUc pode produzir diferentes tipos de imagens a depender de seu objetivo comunicativo e do efeito que pretende produzir. Considerando que, ao proferir seu discurso, o político emprega estratégias discursivas que constroem determinadas imagens, essas podem - a partir dos imaginários sociodiscursivos socialmente partilhados e de um reconhecimento mútuo entre o locutor (EUc) e interlocutor (TUi) - produzir efeitos emocionais aos interpretantes. É assim, pois, que emerge a relação entre o *ethos* e o *pathos*, pois essas noções “pressupõem a interação entre os sujeitos participantes do ato enunciativo, integrando-se assim, à dimensão subjetiva do discurso” (Piris, 2011, p. 1295). Em uma relação intrínseca ao *pathos*, os efeitos emocionais no discurso político resultam da construção de um *ethos*, e podem ser percebidos na representação de um objeto em direção ao qual o sujeito se dirige ou busca combater, sendo relativos ao sujeito e os valores que lhe são atribuídos conforme informações que recebeu e experiências que viveu, o que “pode-se dizer que as emoções, ou os sentimentos, estão ligados às crenças” (Charaudeau, 2007, p. 241) de uma comunidade discursiva, visto que

Não obstante, entendemos que o *pathos* discursivo está vinculado a um conjunto de crenças compartilhadas e axiologizadas sócio-historicamente, ou seja, a um sistema de valores que determina o valor de cada paixão, conforme a circunstância em que ela é manifestada em uma dada sociedade e seu momento histórico. Projetam-se, assim, no discurso as imagens do sujeito - a de si e a do outro - apoiadas nas paixões determinadas por um dado contexto sócio-histórico como

possíveis ou não possíveis de manifestar (Piris, 2011, p. 1298).

Consideradas as questões essenciais que acercam a construção do *ethos* no discurso político e os efeitos emocionais de *pathos* que dele emergem, convém tematizar os procedimentos enunciativos e expressivos que mobilizam a construção do *ethos* no discurso político.

Procedimentos enunciativos e expressivos na construção do *ethos* político

Os procedimentos enunciativos, como bem menciona Charaudeau (2018, p. 174), permitem àquele que fala “colocar-se em cena” conforme a finalidade de seu ato linguageiro, o *ethos* que pretende transmitir e demais restrições contratuais impostas pela situação de comunicação. Visto que todo o ato de linguagem ocorre mediante um comportamento enunciativo, convém mencionar aqui algumas caracterizações de Charaudeau (2018) quanto aos procedimentos enunciativos na fabricação do *ethos* político, divididos pelo teórico em *enunciação elocutiva*, *enunciação alocutiva* e *enunciação delocutiva*.

A *enunciação elocutiva* é expressa em “pronomes pessoais de primeira pessoa acompanhados de verbos modais, de advérbios e de qualificativos que revelam a implicação do orador e descrevem seu ponto de vista pessoal” (Charaudeau, 2018, p. 174). Esse procedimento evoca um *ethos* de guia supremo na medida em que evidencia uma modalidade de compromisso; além de um *ethos* de virtude na manifestação da modalidade de convicção. Além disso, contribui para a instalação do *ethos* de solidariedade na convicção, no dever e na ação.

Quanto a *enunciação alocutiva*, essa se expressa por intermédio de pronomes pessoais de segunda pessoa, frequentemente acompanhados de verbos modais, qualificadores e designações que situam o interlocutor, o lugar que o locutor lhe atribui e a relação estabelecida entre eles (Charaudeau, 2018). A inclusão do interlocutor na enunciação acaba por criar uma imagem específica do locutor e, também, certas figuras

de *ethos* através das modalidades alocutivas. Nesse sentido, as modalidades de tratamento ou interpelação, ao utilizarem tratamentos obrigatórios que identificam o público enquanto legitimam o orador, acabam por projetar a figura de um chefe soberano: "Povo brasileiro...", "Cidadãos e cidadãs..." (Charaudeau, 2018).

Por fim, Charaudeau (2018) define a *enunciação delocutiva* como uma expressão materializada em frases que apagam o traço dos interlocutores, apresentadas de forma impessoal. Sobre isso, acrescenta: "é enunciar uma verdade que não depende nem do eu, nem do tu, pois ela tem um valor em si. A enunciação delocutiva faz o auditório entrar em um mundo de evidência" (Charaudeau, 2018, p. 179), projetando no orador uma imagem de soberano, visto seu exercício de se pôr em uma posição superior ao deter uma verdade estabelecida, com "frases cujos interlocutores se mostram ausentes, apresentando uma forma impessoal" (Nobre; Verçosa Neta, 2023, p. 131).

Há que se considerar, ainda, que a vocalidade do orador também contribui para a imagem que deseja transmitir em seu discurso. Charaudeau (2018) delimita a vocalidade e dos políticos mediante os seguintes procedimentos expressivos: *bem falar*, *falar forte*, *falar tranquilo* e *falar regional*.

- *Bem falar*: é marcado por um tom de voz equilibrado, dicção lenta, ritmo cadenciado e pronúncia que convém uma elocução bem cuidada. Fabrica um *ethos* de elite culta e profissional.

- *Falar forte*: manifesta-se com um tom de voz forte, com dicção equilibrada e gestualidade enérgica. O orador deve apresentar porte capaz de demonstrar força, o que o faz construir uma imagem de líder político poderoso e combativo.

- *Falar tranquilo*: constitui-se de um tom de voz equilibrado e uma dicção lenta, com uma articulação compreensível. Expressa simplicidade natural, o que contribui para a construção de uma figura de soberano paternal. Essa força tranquila evoca o *ethos* de caráter, de inteligência e de chefe.

- *Falar regional*: estabelece uma proximidade com aqueles que partilham da mesma origem e não é fabricado voluntariamente. Tal vocalidade constrói um *ethos* de autenticidade, humanidade ou até mesmo de caipira² (Charaudeau, 2018).

² Termo utilizado pelo autor para referir-se a habitante de zona rural.

Contextualizados tais procedimentos, segue-se com o percurso metodológico que guia a análise discursiva referida neste estudo.

Percurso metodológico

Esta pesquisa é aplicada quanto a sua natureza, uma vez que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 51), apoia-se em procedimentos técnicos bibliográficos e documentais, com abordagem qualitativa em relação à problematização do estudo.

O corpus constitui-se de um vídeo – e três comentários selecionados de maneira aleatória, conforme Figura 2 - publicado no dia 5 de dezembro de 2023 com a legenda “*A verdade a todo custo*”, no *Instagram* do deputado federal Nikolas Ferreira, em que, na câmara de deputados, explana seu posicionamento acerca de um processo penal em que foi condenado pelo crime de transfobia em razão de declaração ofensiva³ à deputada do PDT⁴ Duda Salabert no ano de 2020. O crime ocorreu mediante o seguinte pronunciamento do deputado: “*eu ainda irei chamá-la de ‘ele’. Ele é homem. É isso o que está na certidão dele, independentemente do que ele acha que é*”. A publicação do vídeo, intitulado “*A verdade a todo o custo*”⁵, com duração de sete minutos e trinta segundos, teve repercussão nacional, com mais de um milhão de curtidas e comentários de apoio ao deputado, demonstrando a adesão dos interlocutores à aventura do ato de linguagem do *EUc* (sujeito comunicante) em seu pronunciamento – fato que justifica a escolha deste corpus para a análise.

³ A fala ocorreu em entrevista realizada pelo deputado em novembro de 2020.

⁴ Partido Democrático Trabalhista.

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CofZhi6JQ8y/?igshid=MzY1NDJmNzMzMyNQ%03D%03D>. Acesso em: 05. dez. 2025.

Figura 2: Instância de recepção (comentários do vídeo)



Fonte: Print de tela elaborado pelos autores (2025)

A partir da coleta do pronunciamento, realiza-se a análise em três partes: primeiro, na observação dos procedimentos enunciativos e expressivos propostos por Charaudeau (2018); na segunda parte, destaca-se a identificação dos tipos de ethos construídos discursivamente pelo Deputado, utilizando categorias teóricas conforme a Figura 3 e com base nos procedimentos enunciativos de comunicação e expressão analisados. Por fim, verifica-se a assimetria do ato de linguagem a partir da instância de recepção (TUd), que é materializada nos comentários decorrentes da postagem.

Figura 3: Categorias teóricas mobilizadas na análise do corpus



Fonte: elaborada pelos autores (2025)

Com base na descrição dos procedimentos metodológicos e dos conceitos mobilizados na análise do corpus, segue a seção de análise.

Os efeitos emocionais imbricados na credibilidade e na identificação

Como bem exposto por Charaudeau (2018, p. 167), os procedimentos discursivos que contribuem para a fabricação do *ethos* são capazes de “construir uma imagem positiva do orador ou negativa do adversário no mesmo instante em que poderia tocar o afeto do auditório”; sendo a vocalidade um indicador de construção de *ethos*. No que concerne à análise das expressões faciais, dos traços corporais e de vocalidade apresentados pelo sujeito comunicante (EUc), infere-se a demonstração de seriedade mediante a expressão de uma face grave e séria. Essa vocalidade enquadra-se no que Charaudeau (2018) designa como *falar forte*, visto que a dicção é relativamente acelerada e compensada por boa e bem articulada pronúncia. Emerge, portanto, um *ethos de potência* na apresentação de um porte que demonstra força enunciativa (EUe), além da gestualidade energética ao enfatizar sua encenação discursiva.

O EUc, como sujeito comunicante/orador gesticula moderadamente, porém de

forma incisiva, o que remete a uma ideia de indivíduo forte. Quanto ao seu vestuário, identifica-se a adequação ao ambiente formal e à situação de comunicação de seu ato linguageiro. Sendo o *falar forte* “percebido em todos os lugares como o contrário de ‘falar frouxo’” (Charaudeau, 2018, p. 172), há, aqui, a evocação de um *ethos* de líder político combativo (EUE), imagem de si construída discursivamente junto a um TUD, que poderá assimilar ou rejeitar (TUi) essa projeção do *ethos*.

Quanto aos procedimentos enunciativos, evidencia-se a predominância de enunciações elocutivas (EUE) em seu dizer, tais como pronomes pessoais em primeira pessoa. Essa relação pode ser compreendida em “*Hoje eu fui condenado na justiça a pagar uma multa de 30 mil reais por conta de corrupção [...] Porque eu chamei um trans de ele. Eu sabia que esse dia iria chegar onde a verdade não é mais aquilo que você vê, é aquilo que o interlocutor te impõe [...] Eu não acredito que tenha 70 e tantos gêneros, eu acredito que existem homem e existe mulher [...] Dizer que eu discordo de um comportamento sexual é considerado agora homofobia, eu sou um criminoso por isso? [...] mas eu sei que nós vamos ter ainda muitos sacrifícios em prol da verdade [...]*”, o que revela a implicação do orador e descreve seu ponto de vista pessoal, acionando a opinião como categoria de língua. Ao expressar seu compromisso com a verdade, o EUC aciona seu EUE para mobilizar as estratégias de credibilidade e de legitimidade, produzindo a imagem de um guia supremo digno de confiança ao reiterar que sua condenação não ocorre por conta de corrupção - revelando, por parte do comunicante (EUC), e distinção moral que aparenta realizar entre os dois tipos de condenação tematizados em seu discurso.

Ainda em mobilização da enunciação elocutiva, quando profere que “[...] o ativismo LGBT homossexual não está preocupado com você, pelo contrário, porque a mesma força e martelo que massacrou vocês, escravizou vocês lá em Cuba, hoje é utilizada para poder te usar como manobra eleitoral somente, depois disso vocês são descartados, as mesmas pessoas que defendem países onde se você esticar uma bandeira LGBT você é morto, degolado, são bandeiras defendidas pela esquerda [...]”, o enunciador (orador EUE) utiliza uma elocução a qual Charaudeau (2018) denomina de “modalidade de rejeição”, na medida em que recusa a ideologia adversária (destinatário TUD). Essa postura “evoca, ao mesmo tempo, o *ethos* de “sério”, que se opõe à mentira; a figura do combatente, que

afronta o adversário; o *ethos* de chefe, que não admite que o povo seja enganado” (Charaudeau, 2018, p. 175).

Verifica-se também a presença de uma enunciação delocutiva no seguinte trecho: “Quer dizer então que se um homem se autointitular uma criança e fizer sexo com uma criança isso não será mais pedofilia?”. Tal escolha verbal apresenta o dizer como se a palavra dada não fosse da responsabilidade dos interlocutores presentes (EUc/TUd) e dependesse de uma voz terceira que enuncie uma verdade (EUe), uma verdade que “não depende nem do eu, nem do tu, pois ela tem um valor em si” (Charaudeau, 2018, p. 179). Ao jogar com o sistema de valores socialmente compartilhados - aqui exemplificado como o repúdio à pedofilia - o enunciador (EUe) ativa as redes inferenciais propostas pelos universos de crença disponíveis na situação de comunicação, provocando o desencadeamento de um estado emocional no interlocutor TUd (o *pathos*).

Tal visada patêmica permeia seu ato de linguagem que, mobilizando a estratégia de captação mediante um exercício de dramatização, evidencia, em “*Porque se eles conseguem amordaçar, calar, tentar desencorajar um deputado que possui imunidade parlamentar, o que eles não irão fazer com você pastor? O que eles não irão fazer com você comunicador, jornalista, professor de escola bíblica dominical? O que ele não fará com os cristãos, afinal de contas nós temos posições bem claras*” certa relação de proximidade com seu interlocutor (TUd), produzindo um *ethos* de identificação na evocação da imagem de virtude, cujo procedimento enunciativo delocutivo representa honradez ao parceiro de troca que, assim como ele, partilha da mesma religião.

Ao tematizar o valor da verdade recorrentemente em seu discurso - inclusive no título do vídeo, antecedendo o valor a ser tematizado em seu discurso - o enunciador (EUe) atribui oposição entre verdade e seu adversário político, afirmando que é “*defensor da verdade a todo o custo*”, e evidenciando que tal comportamento ético-moral não faz parte das ações de seu adversário (TUd), mas unicamente de sua conduta. Na mobilização contínua do procedimento enunciativo elocutivo, destacam-se tanto construções dos *ethé* de credibilidade como dos *ethé* de identificação, realçando as condutas de caráter e potência como imagens de si e propulsoras de emoção àqueles que também se identificam com a verdade. Evidencia-se, portanto, a predominância de

procedimentos expressivos representados por um falar forte, seguidos por uma organização enunciativa elocutiva e por vezes delocutiva na construção de seu *ethos*.

Diante disso, percebemos que o *ethos* político do EUc resulta de uma “alquimia complexa feita de traços pessoais de caráter, de corporalidade, de comportamentos, de declarações verbais” (Charaudeau, 2018, p. 137), que se relacionam às expectativas dos cidadãos (TUd) através de verdades que atribuem valores positivos e negativos a essas maneiras de ser. Assim, o EUe (sujeito enunciador), através dos critérios metodológicos aqui analisados, desenvolve tanto as categorias provenientes dos *ethé de credibilidade*, como os *ethé de identificação*, conduzindo a instância cidadã (TUd) a aderir à sua ideia e atribuir valores positivos a essa encenação discursiva, tornando-se assim um TUi, através de uma visada de *pathos* e de efeitos emocionais desencadeados tanto pelas estratégias de credibilidade (captação) e de identificação.

Na evocação da imagem de credibilidade, o EUc constrói o *ethos* de sério demonstrando autocontrole diante das críticas e sangue-frio frente à adversidade. Esse *ethos* mostra-se “igualmente com a ajuda de declarações a respeito de si mesmo, sobre as ideias que guiam o político” (Charaudeau, 2018, p. 121). Observa-se, ainda na categoria de credibilidade, a construção do *ethos* de virtude, quando o referido político (EUc) procede a mesma linha de pensamento e ação que guia sua identidade ideológica.

A determinação em agir, aliada à gestualidade imponente e a fala concisa encenadas em seu ato linguageiro, incorporam as imagens de potência e caráter na construção de um *ethos de identificação*, na medida em que a opinião mobilizada como categoria de língua revela a crítica ao processo pelo qual foi condenado, ancorando sua enunciação nos imaginários sociodiscursivos incorporados por ele.

Com relação aos imaginários sociodiscursivos, observa-se que o enunciador (EUe) mobiliza um sistema de evidências naturalizadas que se apresentam como obviedades partilhadas. No primeiro movimento discursivo, a oposição entre “crimes reais” (corrupção, tráfico) e a sanção por designação de gênero evidencia um julgamento implícito de proporcionalidade moral, segundo o qual a intervenção judicial decorrente de questões de identidade de gênero é apresentada como desvio da “realidade”, constituindo, assim, uma valoração que não necessita ser demonstrada, pois é colocada

como conhecimento comum.

Do mesmo modo, quando o enunciador define o sujeito trans a partir da manutenção do órgão sexual masculino, instaura-se um regime de verdade corporal que naturaliza a genitália como critério ontológico de determinação identitária, reforçando o imaginário binário homem/mulher como dado preexistente ao discurso. A construção do “nós” — cristãos, parlamentares, comunicadores — opera igualmente como evidência suposta, uma coletividade já dada, unificada por princípios morais que dispensariam explicitação, ativando uma memória histórica de perseguição e martírio. Ao enunciar que “existem homem e existe mulher”, que “discordar do comportamento sexual” passou a ser criminalizado, e que “a verdade precisa ser defendida”, o discurso atualiza valores longamente sedimentados, apresentando-os como “coisas bem definidas no mundo”, o que configura precisamente o funcionamento do imaginário: a transformação de construções históricas em certezas naturalizadas.

Por fim, a associação entre o ativismo LGBT e “a mesma força e martelo que massacrou” um suposto coletivo de referência reforça a lógica de ameaça histórica e legitima a mobilização de uma memória de sofrimento como mecanismo de verdade. Em todos esses movimentos, observa-se a ativação de um imaginário sociodiscursivo que, segundo Charaudeau (2018), funciona como uma evidência partilhada que organiza o sentido e orienta as práticas sociais, operando como fundamento de inteligibilidade do mundo para aquele grupo discursivamente convocado.

Sistematiza-se, portanto, a influência da visada do *pathos* sobre o *ethos*: é preciso que o *ethos* seja construído de maneira a transmitir determinados valores essenciais a esse destinatário (TUd), o que, na materialidade analisada, mesmo diante de condenação por crime de transfobia e discurso transfóbicos, o EUc organiza e encena seu dizer (EUe) de modo a tornar-se digno de credibilidade, transmitindo caráter, virtude, seriedade e potência, em um ato de linguagem que pode configurar uma aventura “bem sucedida” (Charaudeau, 2019).

Na instância de recepção, composta por três comentários selecionados de maneira, aleatória, verifica-se que há identificação por parte dos interlocutores diante do pronunciamento do político. O primeiro comentário, “*PERFEITO... SEM MEIO*

TERMO... O RESTO É MIMI.MIMI..”, demonstra a adesão imediata do TUi (sujeito interpretante) ao *ethos* construído por Nikolas Ferreira. Ao utilizar termos como “perfeito” e “sem meio termo”, o enunciador do comentário reforça a imagem de um sujeito político coerente, firme e destemido, alguém que “diz a verdade sem medo”. O uso dos recursos gráficos — as reticências e a repetição caricatural “MIMI.MIMI” — intensifica a emoção de aprovação e ironiza os opositores, ativando um imaginário sociodiscursivo de intolerância à sensibilidade e de rejeição ao discurso da diferença. O efeito emocional predominante é o de exaltação, pois o interlocutor projeta-se como cúmplice da postura inflexível e direta do político, participando do mesmo campo de valores.

Esse comentário, enquanto instância de recepção, exemplifica o modo como “[...] os imaginários são engendrados por um discurso impregnado de *pathos*, de *ethos* e de *logos*, com a ajuda dos quais o sujeito decifra os fenômenos do mundo, os comportamentos e a vida em sociedade” (Charaudeau, 2025, p. 262). A partir desse entrelaçamento entre emoção, razão e imagem de si, o TUi mobiliza afetos compartilhados que sustentam a representação de Nikolas como símbolo de firmeza moral. Ademais, o sucesso da adesão demonstra que “[...] o contrato de comunicação é o que estrutura uma situação de troca verbal em condições de realização e de interpretação dos atos de linguagem” (Charaudeau, 2025, p. 166), revelando que a leitura positiva do interlocutor confirma o contrato comunicativo pretendido pelo político.

Quanto ao segundo comentário, “*Pura verdade q Deus nos proteja*”, o interlocutor reforça o imaginário religioso que atravessa o discurso de Nikolas Ferreira. A expressão “*Pura Verdade*” legitima o político como portador da verdade moral e espiritual, enquanto a invocação “*Deus nos proteja*” inscreve a fala no campo do sagrado, situando o político como alguém que fala em nome de Deus e da fé. Há, portanto, uma fusão entre imagens relacionadas à política e à religiosidade, em que o político se apresenta como mensageiro da moral cristã e protetor da comunidade. O TUi, ao interpretar o discurso, reproduz essa leitura, projetando-se como parte de uma coletividade ameaçada que busca amparo na fé e na liderança moral de Nikolas. Essa adesão ilustra que

[...] a persuasão usada pelo discurso político relaciona-se com a paixão, com a razão e com a imagem. Com a paixão, pois o campo político é por excelência o lugar em que as relações de poder e de submissão são governadas por princípios passionais” (Charaudeau, 2018, p. 93).

Dessa forma, a paixão e a fé funcionam como bases emocionais do engajamento, sustentando o vínculo entre locutor e interlocutor. Além disso, observa-se que “os diversos lugares de prática social engendram imaginários próprios, mas, ao mesmo tempo, podem circular de um lugar a outro, assumindo diferentes valores” (Charaudeau, 2025, p. 267), o que permite compreender a transferência do imaginário religioso para o campo político, naturalizando a imagem do político como representante dos valores divinos.

Por fim, o terceiro comentário amplia o campo de adesão do interlocutor, deslocando o elogio individual para um apoio político de maior alcance. O enunciador (Tui) constrói um *ethos* heroico e redentor para Nikolas Ferreira, situando-o como exemplo de pureza e coragem em meio a uma “polícia suja”, expressão que ativa um imaginário de corrupção e degradação institucional. A emoção de admiração domina o enunciado, e o interlocutor se coloca como seguidor fiel, comprometido com o projeto político do interlocutor. O “Parabéns” inicial marca a validação moral do ato de fala de Nikolas, enquanto o desejo de vê-lo “presidente” projeta o político como salvador da pátria — figura que ultrapassa o episódio da transfobia e encarna uma esperança de regeneração nacional.

Assim, essa adesão do público, representada pelos três comentários analisados, confirma que “o discurso político tende mais a incitar a opinião do que a argumentar” (Charaudeau, 2018, p. 94). A adesão fervorosa expressa a eficácia do discurso político como prática de incitação emocional. Ademais, é possível perceber que

[...] o sujeito falante não é um ser abstrato nem ausente. Ele é, pela escolha de seus atos de fala, por iniciativa dos imaginários de que ele próprio é portador, sem sempre ter consciência disso nem perceber sua origem e grau de generalidade. Os indivíduos que vivem em sociedade são simultaneamente produtores de imaginários sociais pelos discursos que produzem e prisioneiros dos mesmos...” (Charaudeau, 2025, p. 271).

Assim, a instância de recepção (Tui) tanto reproduz quanto é atravessado por imaginários sociodiscursivos que sustentam o *ethos* heroico do político, além de revelar

um ato linguageiro bem sucedido.

Portanto, os comentários analisados revelam a força dos efeitos emocionais e a eficácia simbólica do discurso político de Nikolas Ferreira, cuja performance linguageira mobiliza imaginários de fé, moralidade e resistência, mediante a projeção de *ethos* de credibilidade e identificação. O político, enquanto EUc, elabora um contrato comunicativo que convoca o interlocutor à adesão, e o público — enquanto TUi — responde reafirmando o *ethos* projetado de autenticidade e heroísmo moral. As emoções de entusiasmo, temor e veneração observadas nos comentários não são expressões individuais isoladas, mas manifestações de imaginários sociodiscursivos partilhados que estruturam o campo político-religioso brasileiro contemporâneo e a partilha contratual entre locutor e interlocutores.

Tecidas as reflexões conduzidas pelos questionamentos apresentados na introdução deste estudo, seguem então as considerações finais.

Considerações finais

Compreender as imagens de si evocadas no discurso do deputado Nikolas Ferreira enquanto sujeito comunicante elencou-se como a justificativa e relevância desta pesquisa, especialmente em razão da polarização política em que vive o Brasil nas últimas décadas, bem como a influência do discurso e das estratégias discursivas empregadas no jogo político para a manipulação das massas – como visto na disseminação do vídeo analisado.

Diante da problematização do estudo, as questões norteadoras anunciadas indagavam: quais são as imagens de si evocadas no discurso do deputado, enquanto sujeito comunicante, a partir dos procedimentos expressivos e enunciativos mobilizados na encenação de seu dizer? De que maneira ocorre a relação entre a construção de seu *ethos* e a possível visada de *pathos* concernente ao discurso político? Nesse sentido, o objetivo do estudo voltava-se a analisar os procedimentos expressivos e enunciativos

mobilizados pelo político na materialidade do corpus e relacionar a construção de seu *ethos* à visada de *pathos* que conduz o discurso político.

A partir da descrição teórico-metodológica e aplicação de conceitos da Semiolinguística em interface com o discurso político (Charaudeau, 2019, 2020, 2025) e as concepções de *Ethos* mediante a visada de *pathos*, categorizadas por Charaudeau (2007, 2018, 2020, 2022) percebemos que no discurso encenado pelo deputado Nícolas (EUc) houve mobilizações tanto referentes aos *ethé de credibilidade* como aos *ethé de identificação*, em procedimentos enunciativos elocutivos (EUe) marcados pela gesticulação das mãos, da cabeça, além de uma postura marcante com vocalização de fala forte, produzindo imagens de caráter, sério, potente e virtuoso, ao penetrar aos imaginários de crença e religiosidade a quem se destina (TUd) seu ato de linguagem: parceiros que são tocados pelos valores de moral e conservadorismo que precedem sua encenação.

A análise dos três comentários evidencia como o discurso de Nikolas Ferreira mobiliza diferentes efeitos emocionais e imaginários sociodiscursivos que reforçam seu *ethos* político. No primeiro comentário, a exaltação e a recusa do “mimimi” projetam uma imagem de autenticidade e força moral; no segundo, a invocação de Deus articula fé e política, revelando um imaginário religioso que legitima o político como portador da “verdade”; e, no terceiro, o elogio heroico e o desejo de vê-lo como presidente ampliam a adesão afetiva, transformando-o em símbolo de esperança e regeneração moral. Esses comentários demonstram que o contrato de comunicação entre o político e seus seguidores se estrutura sobre a convergência entre *pathos*, *ethos* e *logos*, confirmando a eficácia simbólica de um discurso que combina emoção, crença e identidade coletiva no campo político-religioso brasileiro.

Nesse sentido, vê-se que o processo de se dirigir ao auditório/público-alvo (TUd) exige que o orador/sujeito comunicante (EUc) seja persuasivo na encenação de discurso (EUe), com construção de imagens que funcionem como suporte de identificação por meio de valores comuns, o que torna os *ethé de credibilidade* e de *identificação* estratégias discursivas recorrentes no convencimento do maior número possível dos sujeitos desdobrados pelo deputado Nikolas, causando, assim, um efeito de emoção – *pathos* –

no auditório (TUd).

Sabemos que há muito o que analisar acerca do discurso político e dos efeitos emocionais decorrentes da projeção do *ethos* político no discurso, visto que, conforme Charaudeau (2018, p. 46), a política é “um campo de batalha em que se trava uma guerra simbólica para estabelecer relações de dominação ou pactos de convenção”, cujos atores envolvidos nos atos de linguagem que, imersos nas situações de comunicação política, realizam encenações a partir de uma visada específica que aciona estratégias discursivas de convencimento e emoção - em valores de *ethos* e *pathos* - e constroem os imaginários sociodiscursivos.

Dessa maneira, este estudo pôde contribuir para a compreensão de uma estratégia discursiva do deputado Nikolas Ferreira conforme vídeo analisado, publicado no dia 5 de dezembro de 2023, e, logo, da consequente adesão que enquanto sujeito comunicante (EUc) recebe de seus destinatários (TUd).

Dada a limitação do gênero discursivo que veicula esta pesquisa, entendemos que analisar outras estratégias de discurso que este político, deputado federal Nikolas Ferreira, utiliza em seus atos de linguagem configuram-se como igualmente importantes, sobretudo pela veiculação de seus pronunciamentos em redes sociais e da influência que tem conquistado na política, fato que se comprova pelo número de seguidores do *Instagram* e contas alcançadas em suas postagens.

Além disso, entendemos que compreender a maneira que o discurso político manipula, convence e emociona os interlocutores (TUd) elenca-se como uma necessidade perante os estudos discursivos e sociais, uma vez que não há política sem discurso, sendo um constitutivo do outro. Sendo assim, a política depende da ação e se inscreve nas relações de influência social, e a linguagem, em virtude do fenômeno de circulação dos discursos, constitui, por sua vez, os espaços de discussão, de persuasão e de sedução.

Referências

- BLANK, J. **O discurso de jornalistas na atividade de trabalho em jornais locais e independentes no Brasil e na França: uma análise ergológica e semiolinguística.** Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2023.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Pathos e discurso político.* In: MACHADO, Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emilia (Org.). **As emoções no discurso.** Volume 1, Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político.** Patrick Charaudeau; tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. – 2. ed., 4º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização.** Patrick Charaudeau; [coordenação da equipe de tradução Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado]. – 2. ed., 4º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2019.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso** / Patrick Charaudeau, Dominique Maingueneau; coordenação da tradução Fabiana Komesu. – 3. ed., 4º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2020.
- CHARAUDEAU, Patrick. **A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade.** Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha, André Luís de Araújo. São Paulo: Contexto, 2022.
- CHARAUDEAU, Patrick. **O sujeito falante em ciências da linguagem: restrições e liberdades: uma perspectiva interdisciplinar** / Patrick Charaudeau. – São Paulo: Contexto, 2025.
- FERREIRA, Nikolas: A verdade a todo custo. Dezembro, 2023. Instagram. Disponível em:
<https://www.instagram.com/reel/CofZhi6JQ8y/?igshid=MzY1NDJmNzMyNQ%3D%3D>. Acesso em: 14 nov. 2024.
- FREITAS, E. C. de. A semiolinguística no discurso: práticas de linguagem em situações de trabalho. **Revista Desenredo**, Passo Fundo, RS, v. 4, n. 2, 2009.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos** / Dominique Maingueneau; tradução Marcos Marcionilo. - 1. ed. - São Paulo: Parábola, 2020.
- NOBRE, K.; VERÇOSA NETA, M. E. A construção dos *ethé* de potência e de chefe em

pronunciamentos do presidente Jair Bolsonaro sobre a covid-19. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 23, n. 3, p. 121-143, 2023.

PIRIS, Eduardo Lopes. Ethos e pathos na primeira página do jornal. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 1292-1302, 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: .
<https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>. Acesso em: 05 dez. 2025.

SCARIOT, Viviane D. da S.; FREITAS, Ermani Cesar de. Discurso político em cena: ethos e imagens de si no exercício da governança do RS. **E-escrita**, Nilópolis, v. 14, n. 2, p. 151-166, 2023.

Recebido em 07/09/2025.

Aprovado em 27/11/2025.